

[Narrador] Vamos conhecer pessoas que sabem usar sua criatividade e que transpõem barreiras do dia a dia para viver uma vida com mais coragem. Seus anseios e descobertas, dons e determinações, apesar das dificuldades. Vamos falar sobre pessoas, não sobre deficiências. Está no ar Coragem de Ser.

*[música calma – violão]*

*“Olha eu sei, não sou ninguém pra vir dando conselhos*

*Mas tudo que aprendi depois de tantos erros*

*É que o amor está bem dentro de ti”*

[Ana Neri] Boa tarde para você na sintonia da Rede Aparecida de Rádio. Começa agora o programa Coragem de Ser. Um programa que entrevista pessoas comuns com vidas extraordinárias, ou pessoas extraordinárias que têm vidas comuns. Depende do seu ponto de vista. Então, vamos compartilhar histórias de vida com tudo que tem direito? Momentos alegres, tristes, às vezes, experiências boas ou ruins, superações, dificuldades, aprendizados. Aqui no Coragem de Ser nós conhecemos pessoas que sabem usar a sua criatividade, que transpõem barreiras do dia a dia para viver uma vida com mais sentido. Vamos conhecer também os anseios, as descobertas, os dons e determinação, acima de tudo, apesar das dificuldades. Quem não tem dificuldades na vida não é mesmo? Este programa é um convite para nos tornarmos mais abertos, coerentes e comprometidos também como cristãos e pessoas que participam, se preocupam e ajudam na construção de um mundo muito melhor.

*[vinheta] Coragem de Ser*

[Ana Neri] E no nosso quadro de entrevista de hoje, nós temos a grande alegria de receber Luciane Molina. Ela é pedagoga, professora, atua na área de audiodescrição. E olha que interessante inclusive ela já trabalhou aqui na Rede Aparecida de Rádio e teve um papel fundamental quando estávamos implementando aqui esta realidade de audiodescrição para levar a inclusão até os nossos telespectadores, os nossos ouvintes. É com ela que nós vamos conversar neste momento. Luciane, é uma alegria recebe-la aqui. Seja muito bem-vinda ao programa Coragem de Ser .

[Luciane Molina] Olá, Ana. Tudo bem com você? Olá, os ouvintes. Muito obrigada pelo convite eu sou muito feliz de fazer parte desse programa e contar um pouquinho da minha história para vocês.

[Ana Neri] Que bom, Luciane. Para gente também é uma alegria imensa receber você aqui e poder conhecer um pouquinho da sua história. E claro, os nossos ouvintes querem saber neste momento, no nosso programa, quem é você, Luciane, nesse pedacinho de mundo?

[Luciane Molina] Eu sou alguém que sempre quer desafio. E hoje eu atuo profissionalmente como professora do ensino superior. Finalizei o mestrado em Educação, agora em 2019. E já ocupei diversos papéis nesse mundo. De professora, de aluna, de filha, de amiga. Então a gente é de tudo um pouco.

[Ana Neri] Luciane, você escolheu a Pedagogia como profissão, né? Mas eu posso dizer aqui que a Pedagogia também com certeza te escolheu. Como que foi essa escolha?

[Luciane Molina] De fato a Pedagogia me escolheu. Acho que até primeiro do que a escolha que eu fiz. Eu finalizei o ensino médio e eu queria seguir para alguma área da Comunicação. Só que aqui na região a gente não tinha muitas opções, se não fosse o magistério. Eu fui. E me encantei pelo magistério, pela educação, por tudo que a educação pode proporcionar e pode transformar a vida do outro. E eu segui por esse caminho na certeza de que eu poderia transformar a vida de outras pessoas, assim como eu tive a minha vida transformada por outros professores. Fui fazer a faculdade de Pedagogia na sequência. Mas quando eu entrei na faculdade eu já estava atuando como docente no município aqui vizinho. Eu prestei um concurso público e eu fui atuar como docente. E nesse caminho todo meu percurso sempre foi para o rumo da educação.

[Ana Neri] Além da Pedagogia, você exercia também outras profissões e trabalhava em outras áreas como tecnologias assistivas e audiodescrição. Inclusive você já trabalhou aqui na Rede Aparecida como consultora de audiodescrição. Explica um pouco para os nossos ouvintes o que são essas áreas, esses termos que parecem nomes difíceis, mas você pode traduzir aí presente Luciane?

[Luciane Molina] Claro. Dentro da Pedagogia, dessa minha atuação e do meu percurso profissional na Educação Especial, eu me deparei com algumas necessidades que as pessoas com deficiência, atendidas Pela Educação Especial, necessitavam. E essas áreas elas são a tecnologia assistiva e a audiodescrição. A tecnologia assistiva são recursos e ferramentas com base na tecnologia que vão permitir que essas pessoas tenham mais autonomia e independência nas tarefas do dia a dia, nas questões educacionais e nas questões de trabalho. Então são equipamentos no caso desenvolvidos como leitores de tela para pessoas com deficiência visual, comunicação alternativa para pessoas que tem uma dificuldade na comunicação. Enfim, tantas outras tecnologias que podem agregar e colaborar na vida, para uma qualidade de vida melhor para as pessoas com deficiências. E a audiodescrição nada mais é do que uma tecnologia assistiva, um serviço de tecnologia assistiva. Hoje existem profissionais que elaboram roteiros e fazem a narração de todo aquele conteúdo visual que a pessoa com deficiência visual não pode ter acesso através do olhar. Mas que ela pode ter acesso através do olhar do outro, do que aquela pessoa, do que o audiodescritor está vendo e no que ele pode transmitir verbalmente, oralmente, ou através da escrita, para quem não enxerga. E trabalhei sim. Trabalhei na TV. A gente fez um trabalho legal de consultoria. Foi um período muito bacana. E a TV Aparecida é uma das pioneiras na questão da acessibilidade para audiodescrição e close caption. E é uma TV em que sempre está alinhada com essas questões. E é um orgulho para a gente poder ter uma emissora preocupada em atender as pessoas com deficiência, e atender todo público né? Porque as pessoas com deficiência são consumidoras como qualquer outra pessoa. Consumidores de informação, de entretenimento, enfim.

[Ana Neri] E claro a gente quer crescer cada vez mais nesse sentido de uma educação inclusiva. E como você usa toda essa criatividade, também não só a serviços em favor das pessoas, mas ao seu próprio favor?

[Luciane Molina] Então, eu precisei me transformar em diversos momentos do meu percurso profissional, e enquanto pessoa que sou, para também ter as minhas necessidades atendidas. Então eu sempre busquei ferramentas para que a minha vida fosse facilitada. E através dessas

ferramentas que eu busquei eu usei toda essa criatividade de adaptar, de levar conhecimento, de transformar conhecimentos, para que a realidade do outro também fosse atingida. Então de certa forma algo que serviu para mim, enquanto pessoas, pode servir para outras pessoas.

[Ana Neri] Conta para gente, Luciane, uma grande realização da sua vida.

[Luciane Molina] Uma grande realização da minha vida... eu me realizo todos os dias, de verdade. Eu acho que cada passo que a gente dá é uma realização muito grande. Mas talvez a minha maior realização atualmente tenha sido concluir o mestrado. Me tornar pesquisadora, me tornar profissional do ensino superior, eu acho que isso é uma conquista não só pessoal, mas uma conquista acadêmica. A cada momento da nossa vida existe uma conquista que nos marca. Mas agora atualmente essa é a que é mais recente e aqui e me marca atualmente, agora nesse cenário.

[Ana Neri] Você recorreu a estudos, a especializações. Eu gostaria que você contasse para gente quando você disse assim “para atender as minhas necessidades”. Quais seriam essas necessidades?

[Luciane Molina] Então, assim como os atores, os meus alunos que estão os atores do meu percurso, eu também tenho deficiência visual. Então todo meu percurso, minhas criatividade, as minhas buscas foram em torno da questão da acessibilidade e da inclusão para atender pessoas com deficiência visual. E de certa forma poder facilitar também a minha vida. Só que através de tudo aquilo que eu fui construindo e que eu fui coletando, eu senti que a gente precisa ampliar essas questões para além do nosso próprio mundo. Então, eu fui agregando conhecimentos novos para trazer uma qualidade de vida melhor para essas pessoas, para esses atores, para o meu público, para os meus alunos. Então, a questão das minhas necessidades também seriam as necessidades daqueles que eu atendo enquanto profissional.

[Ana Neri] O que você gostaria que todos, todas as pessoas, tivessem a oportunidade de aprender?

[Luciane Molina] Eu gostaria que todas as pessoas tivessem a oportunidade de conviver com as diferenças e poder respeitar essas diferenças. Porque as pessoas julgam muito o outro através daquele padrão que ela tem dentro dela, construído e desenhado dentro dela. E muitas vezes a pessoa com deficiência não é aquele padrão. E é por isso que existe a discriminação, preconceito. Porque esse padrão desenhado dentro da imaginação das pessoas não existe, quando se trata da questão da deficiência. Então, eu gostaria que todos tivessem a oportunidade de aprender a respeitar o outro assim como ele é.

[Ana Neri] Luciane, dizem que quando o calçamos o sapato de uma outra pessoa, só assim é conseguimos perceber o seu ponto de vista. Se alguém fosse calçar os seus sapatos, Luciane, como seria essa pessoa?

[Luciane Molina] Essa história de calçar o sapato do outro me lembra muito de empatia. Acho que cada um tem a sua realidade, cada um tem o seu sapato, e os seus carinhos ali que apertam. Mas acho que se a pessoa fosse vestir os meus sapatos, eu acho que em primeiro lugar ela seria muito feliz. Ela aceitaria questões como elas se apresentam, sem julgamentos, sem questionamentos. E ela também buscaria contribuir para um mundo melhor. Eu acho que

essa é a maior missão e a maior lição que eu quero deixar nos meus sapatinhos para que alguém calce.

[Ana Neri] Luciane, confesso que eu fiquei encantada com esse bate-papo com você aqui. Eu quero conhecer muito mais ainda o seu trabalho, juntamente com os nossos ouvintes. Eu gostaria de antes de encerrar pedir para você deixar para gente as suas redes sociais. Como nós podemos te encontrar lá nas redes sociais?

[Luciane Molina] Vocês podem me encontrar nas redes sociais, Facebook, Instagram, Twitter, como @Brailu. Brailu porque eu misturei a questão do Braille com as iniciais do meu nome. Então ficou B-R-A-I-L-L-U, com dois "L". Então, é só procurar por Brailu nas redes sociais, Facebook, Instagram e Twitter, que vocês vão encontrar por lá. Eu vou ter um enorme prazer em conversar com todos, em seguir e esclarecer, enfim, tô super disponível aí para o contato e para a gente também partilhar um pouco do que a gente sabe.

[Ana Neri] Maravilha. Já te achei aqui nas redes sociais, já vou te seguir. E você ouvinte também vai poder conhecer melhor o trabalho da Luciane Molina. Luciane, muito obrigada por ter dedicado um pouquinho do seu tempo para conversar conosco, neste momento. Poder conhecer histórias de pessoas que fazem a diferença neste mundo que lutam por um mundo melhor, muito mais acessível e cheio de vida. Obrigada, Luciane!

[Luciane Molina] Imagina, eu que agradeço, Ana. Um bom programa para você.

*[vinheta] Coragem de Ser... Veja a pessoa, e não a deficiência.*

*[vinheta] Coragem de Ser ... Leve Sabedoria.*

[Marluce Botelho] Temos o prazer de receber a Vera Lúcia Capellini. Ela é professora e pesquisadora. Realizou pós-graduação na universidade de Alcalá na Espanha, em Educação Inclusiva. Isso foi em 2012. É presidente da Associação Brasileira de pesquisadores em Educação Especial e a líder do grupo de pesquisa "a inclusão da pessoa com deficiência e superdotação e os contextos de aprendizagem e desenvolvimento". Vera Lúcia, seja muito bem-vinda em participar com a gente aqui no Coragem de Ser.

[Vera Lúcia] Muito obrigada pelo convite. É sempre um prazer poder participar, ainda mais porque no momento, eu falo por mim, professora Vera, e também em nome dos pesquisadores dessa área tão importante, que a área da Educação Especial.

[Marluce Botelho] Vera, qual a importância da educação inclusiva para o desenvolvimento escolar de todos os alunos, seja para os que têm alguma deficiência e os que não têm deficiência?

[Vera Lúcia] Para todos os indivíduos, sejam eles com ou sem deficiência, é sem sombra de dúvida, primeiramente, uma mudança de cultura na sociedade. Historicamente, nós somos acostumados e convivemos com a ideia que pessoas com deficiência, com algum transtorno ou um comportamento que divergir do que a maioria da população, a estes era delegado uma educação segregada. A princípio nem era a educação. Era apenas cuidado. Temos no momento atual a perspectiva da Educação Especial, no contexto inclusivo. E isto é bom para alunos que

têm deficiência, porque eles aprendem com o outro, ele aprende a imitação, a ele é ofertado o atendimento educacional especializado. É possível que seja ofertado no contra turno. E por outro lado, ele possibilita o desenvolvimento dos colegas de aprenderem a conviver e respeitar as diferenças, de serem tolerantes com a diferença do outro.

[Marluce Botelho] Você administra aulas na especialização em Educação Especial para capacitar professores do Ensino Fundamental e Médio, não é Vera? Como tem sido a receptividade dos professores diante dos conhecimentos que poderão ser aplicados na sala de aula?

[Vera Lúcia] No Brasil, os professores muitas vezes são incompreendidos. E eu os considero como heróis. Sobretudo porque o nosso país não valoriza a educação. Então a receptividade dos professores que estão fazendo a especialização... agora eles têm dúvidas, anseios, desafios colocados pela estrutura que a escola está organizada, que é de garantir a aprendizagem de todos os alunos com e sem deficiência. Porque a ênfase da especialização não pode estar na deficiência do aluno, e sim nas respostas pedagógicas que a escola pode dar de tal modo que ela valorize essa diversidade, sem desconsiderar a singularidade. E a especialização tem possibilitado esse conhecimento e reflexão sobre as práticas para os professores que estão fazendo a especialização.

[Marluce Botelho] Vera, a gente sabe que a diversidade humana gera muitas soluções criativas. Quais os grandes ganhos da inclusão na educação seja ela no ensino fundamental, ensino médio ou universitário? O que você acha?

[Vera Lúcia] Já temos evidências científicas para os três níveis. Na educação infantil, em que criança é criança, e precisa ser tratada como tal, a educação inclusiva tem possibilitado desde a mais tenra idade uma mudança de cultura. Cultura dos alunos aprenderem a conviver, de não cultivar preconceitos, de ajudarem o colega, de conviver com essa diversidade. Neste nível de ensino o maior avanço foi a porta de entrada para todo e qualquer aluno na escola comum. No ensino fundamental 1, os estudos vem mostrando que os alunos com deficiência já estão conseguindo também ter, para além da socialização e da Integração com os colegas, desempenho acadêmico. O fundamental 2 e ensino médio ainda tem um pouco de dificuldade. Eu penso que tá aí nosso grande desafio para os próximos dez anos. E no ensino superior, a formação de novos profissionais numa nova perspectiva inclusiva. Nós já temos alunos concluindo chegando até na pós-graduação com deficiência.

[Marluce Botelho] Vera, muito obrigada pela sua participação aqui com a gente. Com certeza enriqueceu bastante o nosso programa com essas informações. E vamos continuar trabalhando pela inclusão social. E o que você faz muito bem por aí. Um grande abraço e obrigada por participar conosco!

[Vera Lúcia] Muito obrigada pela oportunidade de participar. Acreditem na pessoa com deficiência. Olhem para as possibilidades, para as capacidades, e não para as dificuldades, para a limitação. Um abraço. Muito obrigada.

*[vinheta] [café desaguando] Coragem de Ser... Só um Cafezinho.*

[Flávia Machado] No quadro “Só um cafezinho” de hoje, vamos falar sobre uma tal de hashtag que anda circulando nas redes sociais. É a #pracegover. Ela é usada antes de descrições de imagens, fotos ou de vídeos que são postados nas redes sociais. Assim ó: #pracegover : Logo do Programa Coragem de Ser. A palavra “coragem” está em azul escuro e a palavras “de ser” em azul claro. No final da palavra “coragem”, um pequeno coração amarelo na ponta da letra “M”. Entendeu como funciona? A #pracegover foi criada pela baiana Patrícia Silva de Jesus, mais conhecida como Patrícia Braille. A proposta foi criada para que pessoas cegas ou com baixa visão também possam saber as informações que estão nessas imagens. Pois, afinal, todo mundo está interagindo nas redes sociais, né? Além de descrever fotos de redes sociais, a descrição de imagens também pode ser usada em programas de TV, filmes, peças de teatro. Nesses casos, a gente usa o termo “audiodescrição”. Mas isso é papo para outro café, porque esse daqui ó... já acabou. Eu sou Flávia Machado. E a gente bate papo no próximo: “Só um cafezinho”.

*[vinheta] Coragem de Ser.*

[Ana Neri] Chegamos ao final de mais um Coragem de Ser com a sensação de que podemos ver e ouvir com outros olhos e ouvidos para prestar mais atenção ao que está ao nosso redor. E, principalmente, para perceber quem está ao nosso redor. E se você quiser contar para gente a sua história, manda uma mensagem pelas redes sociais usando @RadioAparecida, tanto no Facebook, quanto no Instagram. E a gente se encontra no próximo sábado então, depois da Consagração a Nossa Senhora às 3:15 da tarde. Um excelente final de semana! E até semana que vem.

*[música calma – violão]*

*“Tente pensar no amor*

*E aprender com a dor*

*Se é pra recomeçar,*

*Que seja como for*

*Não tem receita*

*Tudo se ajeita*

*Deixa o amor entrar devagar”*

[Narrador] A Rede Aparecida de Rádio apresentou Coragem de Ser, que volta no próximo sábado às 3:15 da tarde.